

MARIANA MELLO MULLER CARIOBA

IMPESSOALIDADE E FANATISMO
UM ESTUDO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

MARIANA MELLO MULLER CARIOBA

IMPESSOALIDADE E FANATISMO
UM ESTUDO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA
EXISTENCIAL.

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Marcelo
Sodelli.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, que sempre se fizeram presentes, e são meu porto seguro, além disso foram as pessoas, junto a minha avó Jacy, quem eu também preciso agradecer, que mais me educaram para a vida, com muito amor e valores excepcionais, coerentes e muito bem estabelecidos.

Agradeço as minhas amigas puquianas, com quem dividi essa jornada e que farão parte de mim pra sempre, em especial a Dea, Vivi, Lilico, Mama, Thá, e Paulinha.

Agradeço a minha amiga Gabi que me escutou e me apoiou diversas vezes em crise com a faculdade, com a vida, e com este trabalho, amiga assim não há. Agradeço a Rafa, melhor coração e que sempre esteve ao meu lado.

Agradeço meu tio Marcelo que foi capaz de me proporcionar duas de minhas maiores paixões: o Corinthians e a psicologia.

Agradeço ao Del, meu amor, minha maior fonte de inspiração.

Agradeço ao meu professor, e parecerista Marcos Colpo que foi quem me introduziu cinco anos atrás a fenomenologia, e que permanece fazendo parte desta construção do meu saber.

E por último, e talvez o mais importante de todos, agradeço ao professor, orientador, e amigo Marcelo Sodelli que me apresentou um novo sentido para esta faculdade e fez com que eu me apropriasse de um conteúdo fundamental pra minha vida; Agradeço pela sua paciência, disponibilidade, simplicidade, apoio e por todo conhecimento compartilhado.

MARIANA MELLO MULLER CARIOBA: Impessoalidade e Fanatismo: um estudo a partir da fenomenologia existencial

Orientador: Marcelo Sodelli

Resumo:

Este trabalho busca desvelar um possível modo de compreensão da fenomenologia existencial sobre o modo de ser fanático. Mais especificamente, procura compreender quais as condições ontológicas que possibilitam a experiência de ser fanático no mundo ôntico. Assim este estudo caracteriza-se como uma pesquisa teórica, balizada no modo de pensar da fenomenologia existencial. A pergunta que orientou esta investigação foi: como um ser-aí, dentre todas as suas possibilidades pode decair num poder-ser fanático? Entendemos que o fanatismo é uma possibilidade existencial que cabe à todos os seres-aí, mas lembramos que ele é um estado, uma modo de ser-possível, uma experiência mundana que pode ser deixada de ser vivida a qualquer momento. A partir deste estudo apresentamos o fenômeno do fanatismo como a experiência ôntica mais extrema da impessoalidade Heideggeriana, justamente porque neste modo de ser a possibilidade de se angustiar é quase que extinta, já que o fanatismo se apresenta como uma ditadura do existir; não há lugar para a incerteza e para a dúvida, mas se desdobra como um estreitamento bastante radical da possibilidade de ser-livre.

Palavras Chave: fanatismo, impessoalidade, angústia, fenomenologia, fanático

SUMÁRIO:

Introdução.....	1
1.O que é fanatismo?.....	5
1.1 -Tipos de fanatismo.....	9
1.1.1 - Fanatismo nazista.....	10
1.1.2 - Fanatismo esportivo.....	12
1.1.3. - Fanatismo religioso.....	15
1.2. - Níveis de fanatismo.....	16
1.2.1. - Fanatismo explícito.....	16
1.2.2. - Fanatismo parcial.....	17
1.2.3.- Fanatismo velado.....	18
2. - Fenomenologia existencial: fundamentação teórica...19	
3. - Discussão.....	27

4. - Reflexões finais.....	31
-----------------------------------	-----------

5. - Referências.....	33
------------------------------	-----------

Introdução

Existem registros de atos de fanatismo desde a Idade Média quando aconteciam as cruzadas, expedições de cunho religioso, político e econômico. As duas principais cruzadas foram pela libertação da Terra Santa e contra os infiéis do Oriente (Pinsky, 2004). Muitas pessoas foram mortas por conta daquilo que se acreditava ser um ideal. Durante toda a história casos como esses aconteceram; a caça as bruxas, o nazismo, o fascismo, guerra santa, e até hoje em dia podemos ver exemplos como esses pelo mundo inteiro. Começando pelo mais próximos de nós: a guerra nos estádios de futebol ao mais “distante” a guerra no Iraque.

Para Pinsky (2004) fanatismo é a exaltação que leva indivíduos ou grupos a praticar atos violentos contra outras pessoas (prejudicando significativamente sua liberdade e atentado contra a vida), baseados na intolerância e na crença em verdades absolutas, para as quais não admitem contestação.

O coletivo e as revoluções de massa promovidas por essas pessoas fizeram com que a história do mundo se modificasse. A segunda guerra mundial, por exemplo, fez com que a política, a economia e a vida de todos fossem totalmente mudadas. O sentimento de pertencer e ser o coletivo faz o indivíduo levar sua vida em função de auto sacrifícios para ser aceito. Para amadurecer uma pessoa para o auto-sacrifício é preciso privá-la de sua identidade e distinção individuais. A maneira mais drástica de se atingir esse fim é pela completa assimilação do indivíduo num corpo coletivo. (Eric Hoffer, 1968)

A partir dessas considerações perguntamos o que a fenomenologia

existencial pode nos mostrar sobre o modo de ser fanático. Mais que isso buscamos compreender por meio desta abordagem quais as condições ontológicas que possibilitam no mundo ôntico o fanatismo. Qual seria o sentido dessa intolerância? Neste sentido, questionamos se é apenas a crença que move o fanático ou se existem uma série de outros fatores, tais como; sentimento de pertencimento, interesses políticos, interesses econômicos ou busca de um sentido de vida.

A religião serviu e serve como explicação/pretexto para perseguições, torturas e assassinatos em diversos momentos da história, das cruzadas medievais aos fundamentalistas do século XXI. O racismo (contra negros, semitas, orientais, etnias minoritárias) provocou e provoca muitas humilhações e derramamento de sangue, tendo chegado ao ponto máximo, em pleno século XX, ao confinar pessoas em campos de extermínio, onde seriam escravizadas, torturadas e mortas, por sua suposta inferioridade racial. A política muitas vezes é pretexto para inúmeras violências contra opositores, manifestações agressivas de chauvinismo, opressão e terrorismos – a partir de óticas (e “verdades definitivas”) tão diversas como a comunista, a imperial, a libertária, a do “mundo livre”, a nacionalista. (Pinsky, 2004). Tais assuntos serão abordados neste trabalho, para nos aproximarmos mais do sentido do fanático.

Este tema, o fanatismo, por outro lado, tem forte apelo pessoal. Durante a minha infância sempre me foi atribuído o valor de que todas as raças e crenças não são melhores nem piores, apenas diferentes. E partindo disso eu deveria aceitar cada uma delas mesmo que diferente da minha. Aos 11 anos meus pais me colocaram no C.I.S.V. (Children Internacional Summer Village), uma ONG que

preza, entre tantos outros valores, a educação para a paz através do conhecimento e aceitação de outras culturas pela convivência com crianças do mundo inteiro em acampamentos de um mês. E creio que foi aí que começou toda minha incompreensão pelas pessoas que são excessivamente intolerantes a diferença e à diversidade.

Meu sobrenome “Muller Carioba”, de origem alemã, também tem um grande peso sobre esses meus valores. Quando minha família de meu pai chegou ao Brasil, em 1886, vinda da Alemanha a 2ª guerra mundial ainda não havia começado. Por volta de 1939, quando o nazismo começou a tomar força na Alemanha, esta parte da família Muller, que então morava em Americana, Estado de São Paulo, do minha família que era contra esse movimento acrescentou ao sobrenome a palavra “Carioba” que em tupi guarani significa “bandeira branca”, “paz”. Eu cresci nessa família cheia de valores e sem preconceitos, sempre aceitando tudo e todos até que a vida começou a colocar alguns obstáculos, fanáticos, preconceitos, no meu caminho. E cada um destes dos meus valores foi colocado em questão, e cada vez mais os tenho arraigados dentro de mim. E agora nesse momento em que me encontro vejo essa oportunidade de estudar esse fenômeno que parecia tão longe mas na realidade está tão perto, e sempre estive na verdade.

No processo de revisão bibliográfica não encontramos trabalhos que tratavam diretamente do tema escolhido com a abordagem fenomenológica. Assim começamos este trabalho lendo livros específicos sobre o fanatismo: As Faces do Fanatismo (2004, Pinsky, Jaime) e Fanatismo e movimentos de massas (1968, Hoffer, Eric). Estas obras foram de fundamental importância para que nos

aproximássemos deste fenômeno.

Toda discussão teórica deste trabalho tem como horizonte a obra “Ser e Tempo” de Martin Heidegger. Porém, pela dificuldade e complexidade desta obra optamos em utilizar autores que compartilham com essa mesma forma de pensar: como Marco Antonio Casanova e Benedito Nunes.

Desta maneira esta pesquisa se caracteriza como um estudo teórico realizado por meio da abordagem da fenomenologia existencial.

Primeiro capítulo.

1. O que é Fanatismo?

Gostaríamos de fazer uma primeira aproximação do tema fanatismo por meio do seu significado na língua portuguesa. Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa a palavra “fanático” significa: 1. Que se acredita inspirado pelo espírito divino, por uma divindade; iluminado. 2. Que tem zelo excessivo pela religião; intolerante. 3. Que se mostra excessivamente entusiástico, exaltado, de uma devoção quase sempre cega; apreciador apaixonado. 4. Indivíduo fanático. A palavra “fanatismo” se encontra desta forma no mesmo dicionário: 1.zelo religioso obsessivo que pode levar a extremos da intolerância. 2. Faccionismo partidário; adesão cega a um sistema ou doutrina; dedicação excessiva a alguém; paixão.

O fenômeno explicado pelo dicionário explicita seu caráter originário de uma suposta religiosidade, colocando também a paixão como grande razão da intolerância. Mas que paixão seria essa? Seria ela na verdade movida pela razão? E a intolerância neste caso surge a partir da paixão ou da razão?

Jaime e Carla Pinsky (2004, pag.95) explicam que “fanático é um termo cunhado no século XVIII para denominar pessoas que seriam partidárias

extremistas, exaltadas e acríticas de uma causa religiosa ou política.” Em outro momento Pinsky diz que fanatismo é a exaltação que leva indivíduos ou grupos a praticar atos violentos contra outras pessoas (prejudicando significativamente sua liberdade e atentado contra a vida), baseados na intolerância e na crença em verdades absolutas, para as quais não admitem contestação. E também afirma que quando uma pessoa se torna obcecada por uma idéia, essa idéia se torna a *vida* da pessoa ou ainda, essa idéia se torna a *própria* pessoa.

Viktor Frankl , principal criador da Logoterapia, coloca o fanatismo como uma consequência àqueles que não encontram um sentido de vida, chamada crise de identidade, onde buscamos a resposta de quem somos. Ele divide essa crise em algumas perspectivas, categorias de sentido; o vazio, a ausência, o ter, e o frente ao vazio. Dr. Javier Estrada 2005, fundador do Instituto Viktor Frankl de Porto Rico, conclui esse pensamento dizendo que na perspectiva do “ter“, essa manifestação se dá com o fanatismo, a ortodoxia, porque a pessoa não consegue fazer frente ao problema religioso de pensamento, e então se aferra a uma idéia que lhe traga segurança. O fanático era descrito por Frankl por dois traços essenciais: a absorção da individualidade na ideologia coletiva e o desprezo pela individualidade alheia. O conceito de “individualidade” é a junção de características singulares do ser humano, tornando-o único. Ou seja, o fanático se dá quando suas características singulares são substituídas pelas características de algum grupo.

Etnocentrismo é um conceito que visa o nosso próprio grupo como centro de tudo, e todos os outros meios sociais são pensados a partir dos nossos valores, e

modelos. Para Everardo P. Guimaraes Rocha (1988)“(...) é um fenômeno onde se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos emocionais afetivos.” A partir de um choque cultural entre diferentes etnias o próprio grupo se fortaleceria ao observar o “ridículo” do outro e de seus costumes. Toda essa defesa e resistência ao outro pode originar uma série de preconceitos e racismo, talvez gerando futuramente um fanatismo. Especulando a partir do mundo contemporâneo podemos enxergar uma outra realidade, onde ainda existem etnias e guerra entre elas, mas que estas já estão muito mais abertas do que nos tempos passados, existe uma grande miscigenação de culturas, raças e crenças. Por tanto o etnocentrismo não é um conceito completo que nos explica o fenômeno do fanatismo.

Os maiores exemplos de fanatismo na história da humanidade estão baseados nas raças, nas crenças religiosas e no poder político. Existem registros de atos fanáticos desde o início da humanidade. Levando em conta que naqueles tempos ainda não existia o termo “fanatismo” , conseguimos transpô-lo sem muita dificuldade. Alguns exemplos clássicos desse fenômeno são as expedições religiosas de interesse político e econômico, as chamadas cruzadas, a caça as bruxas, o nazismo, o fascismo, a guerra Santa. As duas principais foram pela libertação da Terra Santa e contra os infiéis do Oriente (Pinsky, 2004).

O genocídio comandado por Adolph Hitler ao longo da segunda guerra mundial (1939-1945) exterminou cerca de 27 milhões de pessoas, tendo o mundo como testemunha. Em 1948, devido ao após o genocídio cometido por Hitler

durante a segunda guerra mundial, que exterminou 27 milhões de pessoas testemunhado pelo mundo, os países membros da ONU (Organização das Nações Unidas) assinaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) em questão que visava um melhor entendimento entre as nações e uma maior proteção aos povos, e etnias mais fracas. No preâmbulo da declaração são feitas as considerações para a realização desta;

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,

Considerando que o desprezo e desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que os todos gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum,

Considerando ser essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo império da lei, para que o ser humano não seja compelido, como ultimo recurso, à rebelião contra a tirania e opressão,

Considerando ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações,

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta da ONU, sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano e na igualdade de direitos entre homens e mulheres, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla,

Considerando que os Estados-Membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades humanas fundamentais e a observância desses direitos e liberdades,

Considerando que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso,

Agora por tanto,

A Assembléia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum de ser atingido por todos os povos e nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover e respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.”

A carta refletia a esperança mundial de que as relações entre nações e entre os seres humanos mudariam. A carta exprime ainda um direito de liberdade, de viver independente do outro, e se ter garantida a segurança ao optar por uma determinada forma de viver. Nas considerações também se fala de paz de uma forma global, mundial. Toda essa comoção se deve ao fato do mundo todo ter assistido perplexo e, mais do que isto, ter sofrido as consequências do nazismo, um movimento de fanáticos liderado por Adolph Hitler.

Infelizmente a humanidade não deu prosseguimento às intenções firmadas na carta. O mundo contemporâneo é repleto de atentados contra a vida, de guerras devido as crenças, religiões, e raças. Os fanáticos estão tão intolerantes quanto aqueles da época da segunda guerra. Basta observar uma torcida organizada de futebol na cidade de São Paulo para encontrar uma verdadeira intolerância com a

crença alheia, e uma doutrina que é mais valiosa que a própria vida.

1.1 Tipos de fanatismo

O fanatismo existe dentro de contextos distintos; na política, na religião, no futebol, no racismo, na filosofia. São muitos os exemplos que poderiam ser colocados aqui, mas serão citados aqueles que consideramos de fundamental importância para esse trabalho.

1.1.1 FANATISMO NAZISTA

Um tipo de fanatismo é o racista, cujo foco é defender a sua raça como se fosse superior e exterminar aquelas outras que são distintas. Existem muitas causas para que isso ocorra, as vezes não apenas racistas e em defesa de sua raça, mas também causas políticas.

Um dos movimentos mais conhecidos e mais sangrentos da história da humanidade foi o nacional-socialismo, que teve como grande fundador e líder Adolf Hitler, uma personificação do nacionalismo alemão daquela época. Era um movimento movido pelo racismo, pela violência, pelo totalitarismo, e pelo nacionalismo. Durante os anos de 1933 à 1945, a verdade absoluta de que a raça ariana era superior, e de que os judeus e os comunistas deveriam ser exterminados porque estes estariam fazendo uma conspiração internacional, foi internalizada pelos patriotas que passaram a adorar Hitler como se ele fosse algo divino. A propagação dessas idéias foi feita através de propaganda de massa que atingiu a população alemã em todos os níveis, desde aqueles que freqüentavam igrejas, até

aqueles que pertenciam às forças armadas.

O objetivo do governo alemão era o totalitarismo, para isso era necessário criar um inimigo comum ao povo que causasse medo, e fizesse com que toda população se unisse. Divulgavam informações mentirosas de que o “Tratado de Versalhes”, que era grande motivo de insatisfação dos alemães, era uma conspiração feita pelos comunistas e judeus para despertar revolta contra esses povos, e dessa forma expandindo cada vez mais o nazismo e o partido que era de extrema direita.

O partido adotou um símbolo antigo, a suástica, que em sânscrito significa “pequenas coisas associadas que trazem um bom-viver”, criou um cumprimento que reverenciava Hitler e uma série de outras características que davam identidade ao grupo. O movimento tomou proporções inigualáveis, condenaram além de comunistas e judeus, os ciganos, os homossexuais, Testemunhas de Jeóva, deficientes físicos, e escravos.

Estima-se que 60 milhões de pessoas foram mortas pelo holocausto das maneiras mais desumanas e indignas. Os presos eram separados de suas famílias, e levados para os campos de concentração, onde eram submetidos a inúmeras humilhações e torturas. Eles recebiam um número de marcação, tinham seus pertences retidos, seus cabelos raspados e eram obrigados a usar um uniforme. Eram submetidos a horas de trabalho escravo diariamente independente de sexo e idade. A “câmara de gás” era uma das técnicas mais utilizadas para extermínio, os militares prendiam centenas de condenados dentro de um ambiente fechado e soltavam gás até que todos morressem. Foi o maior genocídio da história da

humanidade.

O primeiro fator que colaborou muito para a repercussão do nazismo foi o medo que o Partido Nazista conseguiu instalar na Alemanha, e este feito só ocorreu por causa de outro fator não menos importante, a propaganda exagerada e convincente feita pelo Partido.

1.1.2 FANATISMO ESPORTIVO

O futebol foi criado pelo prazer do entretenimento, pelo prazer de jogar e de torcer. Pinsky (2004) destaca que torcedores dificilmente irão admitir a superioridade de outro time, entretanto, existem aqueles que ultrapassam o bom senso, unindo-se a grupos de torcidas organizadas, agindo com brutalidade e violência, deixam o respeito de lado e o “espírito esportivo”, para eles, a camisa de seu time vale mais do que a vida de outro torcedor.

Torcidas organizadas de futebol nascem constantemente no Brasil e no mundo, e todas com o mesmo intuito de venerar e declarar sua paixão por um determinado time, mas essa adoração tem se tornado perigosa, já que estas são as protagonistas das guerras que temos presenciado nos estádios.

Um fenômeno muito conhecido na Europa nesse campo é o “Hooliganismo”, teve início na década de 60, e existem duas hipóteses para seu surgimento: alguns acreditam que essa violência se deve à estrutura de classes e que a paixão e a agressividade foram passadas pelos operários às próximas gerações. Esses operários teriam passado por dificuldades políticas e econômicas que afetaram a

Grã-Bretanha, e pertenciam à classe mais baixa que foi a mais afetada. E os oriundos dessa classe adotaram uma atitude machista, onde o respeito era imposto pela violência.

Outra hipótese é de que na década de 60, jovens de diversas classes sociais e culturais teriam se unido para acompanhar futebol em grandes grupos. O uso da força física em violência gratuita contra outros torcedores os excitava, tornado este sentimento superior a paixão do próprio time. O futebol que uniu este grupo vira secundário quando aparece a sensação de prazer dentro da violência.

No Brasil existem muitos casos de violência entre torcidas em dia de jogos, dentro do estádio ou a caminho dele. As torcidas organizadas tiveram início na década de 40, eram pessoas ligadas ao clube que se encontravam para fazer marchinhas de seu time de vez em quando. Na década de 60 esta concepção de torcida organizada muda, ela é inserida à arquibancadas, aos mais populares, que começam a levar bandeiras e criar músicas violentas sobre seus times.

Pimenta define uma torcida organizada como

“(…) um agrupamento de pessoas simpatizantes de um clube de futebol, sem fins lucrativos, estruturado de forma relativamente burocrática, com o objetivo de incentivar o time durante os jogos e defender a integridade do grupo nos momentos de confrontos físicos ou verbais com os adversários.” (PINSKY apud PIMENTA, 2004, p.264)

A primeira torcida organizada do Brasil foi a “Gaviões da Fiel”, simpatizantes do S. C. *Corinthians Paulista*, depois as outras equipes seguiram esta idéia e criaram suas próprias torcidas organizadas.

Na década de 90 atos violentos entre torcidas tiveram grande destaque. No dia 20 de Agosto de 1995, a cidade de São Paulo presenciou umas das maiores batalhas entre torcidas do Brasil. No estádio do Pacaembu era realizada a final da Supercopa de futebol Junior entre Palmeiras e São Paulo. A equipe do S.E Palmeiras saiu vitoriosa e sua torcida organizada, a “Mancha Verde” invadiu o campo para comemorar o título com seus jogadores, a torcida organizada do time São Paulo F.C., chamada de “Independente” se revoltou e derrubou o alambrado, invadindo o campo e resultando em 101 pessoas feridas e 1 pessoa morta. O policiamento, mesmo sendo grande o bastante, não conseguiu conter os atos de violência, inclusive se tornou também alvo dos torcedores. As imagens deste confronto foram exibidas em rede nacional ao vivo, e captaram inclusive o momento em que o jovem de 16 anos, membro da torcida “Independente” foi espancado por os integrantes da torcida “Mancha Verde” até a morte. Foram cenas extremamente violentas que chocaram todo o país e que marcaram a história deste esporte, considerado a paixão brasileira. (REDE GLOBO, 1995)

Depois deste confronto diversos movimentos foram feitos para que o cenário futebolístico fosse alterado: o número de policiais em dias de jogos aumentou, houveram fortes campanhas de paz no estádios, começaram a revistar os torcedores na entrada do estádio, proibiram a venda de bebida alcoólica, diminuíram a quantidade de ingressos destinados à torcida rival. Tudo isso em função das guerras gratuitas que estavam acontecendo, e para preservar a integridade física do torcedor “comum”.

O jogo de futebol no estádio, que antes era um entretenimento para a família,

inclusive as crianças, hoje é destinados àqueles que tem paixão e físico para enfrentar qualquer coisa pelo seu time, pois as brigas são constantes e extremamente violentas.

1.1.3 FANATISMO RELIGIOSO

A religião que tem como objetivo aperfeiçoar o ser humano, ligá-lo com o divino, trazer auto-conhecimento, e tem sido usado como desculpa para atos violentos. Isto tem acontecido porque se fala em “religião verdadeira”, fazendo com que o crente acredite em uma doutrina como absoluta e não tolerando todo o resto. Um tipo de fanatismo religioso é o fanatismo islâmico.

O islamismo é uma religião que foi criada por Maomé em 570 d.C., o livro sagrado é o alcorão, seu Deus é Alá e o profeta é Maomé. A crença da religião muçulmana é de que aqueles que foram “bons” na vida irão para o paraíso depois da morte, e aqueles que foram “maus” irão queimar no inferno, e ao mesmo tempo crêem que a pessoa quando nasce já tem seu destino traçado.

Para Pinsky o extremismo islâmico não deriva diretamente do islã tradicional, mas é uma versão moderna que trabalha com os mesmos temas, mas em confronto com a modernidade oriental. A forma que os muçulmanos encontraram para diminuir sua inferioridade e fraqueza no mundo de hoje é justamente atacando violentamente as outras religiões e raças.

Essa questão é também territorial, por exemplo, na Palestina onde a ONU retirou uma parte de terra da Palestina e atribuiu a Israel, e assim iniciou-se uma

guerra teoricamente religiosa, mas onde a questão territorial está totalmente ligada. Para justificar que jovens cometam atos violentos contra a outra cultura, fatores religiosos são alegados, e em muitos casos são prometidos inclusive regalias pós morte. Os “homens-bomba” de facções islâmicas se submetem a estes serviços, de matar muitas pessoas e em seguida morrer com a explosão de uma bomba, pela honra e o prestígio que as famílias acabam aderindo e também por que lhes são prometido o “paraíso” depois da morte.

1.2 Níveis de fanatismo.

Depois de constatar e relatar aqui estes tipos de fanatismo, podemos propor, no sentido de compreender a manifestação deste fenômeno, classificá-los em diferentes níveis. Para isso criei termos que explicitam a minha idéia, que será explicada em seguida, e exemplificada.

1.2.1 Fanatismo explícito.

Este termo uso pra descrever a pessoa fanática que vive em função total de seu grupo, muitas vezes de uma forma até violenta. São pessoas que em nenhum momento param de falar, e de viver seu seguimento, tentam convencer a todos de que a sua verdade é absoluta e que também deveriam segui - lá. Fazem isso sem constrangimento algum, pois este fanatismo ultrapassa o bom senso, e o outro indivíduo. Apenas a sua doutrina pode controlá-lo e dar lhe sentido de vida, como se

todo o resto estivesse errado.

Neste caso a família, o trabalho, as relações, a sociedade, e a própria vida vem em segundo plano, a “verdade absoluta” é o bastante para viver.

Atos violentos estão em jogo quando falo de fanatismo explícito, pois como já coloquei, o bom senso e a suposta civilidade não controla nada nestes casos. Algumas religiões obrigam seus adeptos a converter o maior número de pessoas para que sejam todos “salvos” ou “melhores seres humanos”. Outras fazem com que a pessoa cometa auto-sacrifício ou até suicídio em nome de seu Deus garantindo que terão um pós-morte esplêndido, um paraíso repleto de coisas boas.

Não é só nas religiões que aplico este termo, aplico também a fanáticos políticos, esportivos e em todos que colocam a sua vida em segundo plano, mas usei a religião para exemplificar.

1.2.2 Fanatismo parcial.

Uso este termo para descrever uma pessoa fanática que tem sua vida regida pela civilidade, ética, e bom senso, mas em algum seguimento foge destas virtudes devido a alguma “verdade absoluta”. Por exemplo, um homem que trabalha, tem uma família e pode ser considerado uma pessoa civilizada, mas este mesmo homem aos domingos vai aos jogos de futebol de seu time e se comporta como um ser irracional a ponto de entrar em brigas junto com a sua torcida sem pensar nas consequências que aquilo pode trazer.

Neste caso o fanático tem uma vida onde o sentido vai além daquela “verdade absoluta”, há uma consciência na maior parte as experiências vividas. É apenas em

um aspecto de sua vida que a “verdade absoluta” ocupa o cenário.

É difícil identificar um “fanático parcial” sem conhecê-lo, diferente do “fanático explícito” que em uma primeira conversa sua verdade já é colocada de forma incontestável.

1.2.3 Fanatismo velado.

Este conceito uso para falar de um fanatismo menos questionado, mais velado. Existem fanáticos que não são considerados desta forma por si e nem pela sociedade. São fanáticos que por não serem violentos ou escandalosos não tem este estigma.

Suas crenças, fanatismos são reveladas em seus gestos que muitas vezes não são perceptíveis à observadores. Apenas aqueles que sofrem deste fanatismo velado podem dizer o que lhe acontece.

É como se o indivíduo não revelasse a ninguém aquilo que acredita por saber que está errado, mas nas suas atitudes discretas, se bem observado pode ser encontrado. Por exemplo, um chefe que prioriza alguns de seus funcionários por um pré-conceito, e isso chega a ser quase imperceptível. Apenas o próprio fanático sabe de seu próprio fanatismo.

Segundo capítulo.

2. Fenomenologia Existencial: fundamentação teórica.

Para compreendermos o fanatismo a partir do modo como este fenômeno se mostra, teremos como pano de fundo a perspectiva fenomenológica de Heidegger, sendo esta então a base teórica que balizará nossa investigação. Utilizaremos mais especificamente a obra *Ser e Tempo*, de 1927, que traz a luz a ontologia fundamental do Dasein.

Heidegger tem início em seus escritos no final do século XIX, na época em que a Escola de Frankfurt e a corrente positivista estavam em alta. A fenomenologia Heideggeriana surge para questionar a forma com que o positivismo enxerga o ser humano, já que a sua compreensão é de um homem como ser ontológico, não como um ser “natural” e nem apenas um indivíduo dentro do coletivo como os pensadores da época compreendiam. Tem como ponto de partida a filosofia de Husserl e assim desconstrói a metafísica compreendida pelos pensadores.

Em sua descrição do ser humano, Heidegger usa a palavra Dasein (origem alemã), e a tradução para o português é “ser - aí”.

“Dasein é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com a qual esta concernido. Se o Dasein é um ente, é um ente que põe em jogo seu próprio ser”.

(NUNES, 2004, P.12)

Ainda segundo NUNES (2004), o Dasein como ente é ser-no-mundo, não há sujeito sem mundo e não há homem sem Dasein. Ser-no-mundo não significa estar no mundo, mas transcendê-lo se comportando em relação aos outros entes mundanos de forma originária. O Dasein é constituído a partir dessas relações, e origina esses comportamentos que são objeto de estudo, para entrar nesse assunto, Heidegger, vai em direção a uma filosofia prática.

O termo poder-ser aponta para a ausência de determinação de ser do Dasein, ou seja, ontologicamente Dasein é possibilidade. “O ser-aí humano sempre se concretiza como o poder-ser que ele é a partir de possibilidades fáticas que lhe são abertas por seu mundo” (CASANOVA, 2009 Pag. 92).

Onticamente o ser-aí nunca é apenas um poder-ser, a própria facticidade do mundo já o lança possibilidades existenciais específicas. O poder-ser é compreendido dentro deste conceito de ser-aí de forma intrínseca. O ser-aí para ser realizado precisa anteriormente de um poder-ser.

Outro norteador fundamental que de constituição do Dasein é a sua compreensão em relação a sua própria finitude. Esta compreensão abre para o Dasein sua única determinação ontológica: a morte. Assim o Dasein é aquele ente que vive enquanto ainda não morreu.

“Mas diante dessa existência finita, da morte, o homem como ser cadente não cessa fugir. Quem morre é a gente não eu. Esquivo-me da morte no anonimato da gente. Fujo dela enquanto

possibilidade própria. Mas se não fujo, exercito-me diante da mais extrema e radical possibilidade de mim mesmo. E assim exercitando-me antecipo-a, assumindo-a; e, portanto, decidindo. A decisão é uma escolha, e, se isso ocorre angustio-me...”
(Nunes, 2004, pág.22)

Podemos compreender o ser-para-a-morte como a forma mais completa de apropriar-se de si mesmo, porque apenas a própria pessoa pode morrer a sua morte, ninguém pode morrer no lugar do outro.

“A reconquista da finitude pressupõe, por sua vez, uma antecipação do futuro, que trás justamente o acontecimento futuro da morte para o instante, para o espaço de concretização da dinâmica mesma do poder-ser. É quando o ser-aí existe segundo o horizonte de sua finitude que ele realiza a si mesmo em sintonia com o poder-ser.” CASANOVA (2009, pág.131)

Quando discutimos ontologicamente a morte chegamos a dois sentimentos primordiais do ser-aí; a culpa e a angústia.

Como afirma CASANOVA (2009, p.120):

“ A angústia não possui qualquer relação com um ente que se destaca no interior dos campos de uso cotidianos, mas nasce muito mais de um despontar de um próprio caráter do ser-aí enquanto poder-ser”.

Assim a angústia ontológica não está relacionada a qualquer tipo de ente intramundano. A angústia se angustia perante ela mesma. Ou seja, o que angústia o Dasein é o seu próprio caráter de ser-aí. “A ameaça do não-ser (a morte) é a fonte da angústia primordial do Dasein, a qual vivenciamos por meio do confronto entre a necessidade de realização das nossas potencialidades e o perigo de não ser capaz de realizá-las.” (SODELLI, 2009). Quer dizer, o Dasein se angustia quando tem a compreensão de que um dia não existirá mais como Dasein, ou seja que o controle entre o viver e o morrer não está exatamente em suas mãos.

A culpa por sua vez está ligada ao fato do Dasein compreender que está lançado ao poder-ser, e justamente por isso ele tem que assumir a tarefa de sempre ter que decidir/escolher. Quando se opta por uma vivência, uma experiência, outras são deixadas de lado e essas também podem gerar um sentimento de culpa.

Para a fenomenologia existe diferença entre o Homem (Dasein) e os outros animais do mundo. O Homem nasce com seu ser livre e os animais nascem com seu ser determinado, e além disso eles também não tem uma possibilidade compreensiva de mundo. Eles nascem animais e assim serão até o final de suas vidas, viverão a base de instintos e de necessidades fisiológicas. Os Homens tem o poder-ser aberto, não determinado ontologicamente, realizamos aquilo que escolhemos e acreditamos, nos tornando o que somos. Heidegger usa a expressão estar- lançado para o estado do Dasein que ocupa o mundo antes de tudo, e que vive a experiência mundana sob comando de si mesmo, vivendo e arcando com a sua própria responsabilidade.

Quando o Dasein está lançado no mundo suas escolhas são realizadas por

ele mesmo, mas precisamos levar em consideração o fato de que hoje não há tempo para a reflexão em cada atitude que tomamos e que desde que nasce é lançado em um mundo que é impessoal. Para compreender o conceito da impessoalidade podemos começar caracterizando o como ontológico, ou seja, desde que o Dasein nasce, ele está ali para ser vivido, e será.

A impessoalidade existe para que um indivíduo conviva no mundo com outros entes e que haja uma comunicação comum entre todos. Ele assegura o ser-aí de que haverá uma compreensão dos outros entes em relação ao seu próprio ser. Além disso a condição ontológica da impessoalidade proporciona ao Dasein uma possibilidade de ser ou não ser, e também mostra ao ser-aí as formas com que seu ser lançado no mundo pode ou não apropriar-se do mesmo e de sua própria existência.

“Jogado em uma totalidade referencial já previamente constituída em suas determinações próprias, o ser-aí se vê ao mesmo tempo em contato com um manancial de significações estáveis que tornam possíveis não apenas o uso mediano dos utensílios em geral, mas também e principalmente a sua compreensão.”

(CASANOVA, 2006, p. 89)

Dessa forma com que descrevo, penso que a impessoalidade pode ser compreendida como negativa na existência humana, mas é apenas uma condição pré-ontológica em que o ser quando é lançado no mundo já possui a impessoalidade

que o segura, podendo justificar suas atitudes sempre referenciado em um para-quê.

O ser-aí, quando totalmente lançado no mundo, principalmente o contemporâneo, onde a maior parte da experiência é determinada pela facticidade do mundo concreto e pelo impessoal, tende a ocupar um mundo e não a existir. Compreende o Casanova (2006), também a compreensão do ser-aí. Encontrando um campo de jogo de compreensão do seu poder-ser cristalizado, o ser-aí decai, com isso, a apropriação do seu existir limita-se a lógica da ocupação, estando assim, fadado ao domínio do impessoal.

A impessoalidade está presente na vida de todas as pessoas, ela aparece de forma ontológica e se dá de formas e em níveis diferentes, e não devemos lhe compreender de forma negativa, ele apenas não é em virtude de seu poder-ser. E ao mesmo tempo ele faz com que o ser-aí tenha uma fuga de seu ser mais próprio.

“ O ser-aí cotidiano não deixa de ser um poder-ser que é dele em virtude do mundo ou do impessoal, que lhe fornecem as determinações necessárias e suficientes para se ser como se é.”

CASANOVA (2009, P.125)

Para uma maior compreensão do impessoal no mundo contemporâneo, precisamos entender a impropriedade, que no momento que vivemos vigora a maior parte dos seres-aí. Propriedade e impropriedade, antes de mais nada, são modos de ser passíveis de serem compreendidos apenas pela própria pessoa que os vive, e por mais ninguém (CRITELLI, 1980). A impropriedade leva o Dasein para o mundo

de forma com que ele não se coloque, ou implique seu próprio ser si próprio.

No impessoal, a lógica da ocupação rege o ser-aí em um primeiro momento, e o leva a realizar seus atos. Por exemplo uma cadeira é utilizada para sentar e então o ser-aí a utiliza nesse contexto a princípio, usamos ela dentro de seu para-quê ela se apresenta. Mas uma cadeira tem entre essas, outras funções, outro poder-ser para o ser-aí, mas o que tem acontecido no mundo é que mantemos apenas a lógica da ocupação, o seu para-quê.

Quando o ser-aí nasce, ele já está lançado no mundo e junto com esse nascimento muitas outras informações são apresentadas à esse Dasein, chamamos este estar lançado no mundo de facticidade do homem. Ele é lançado com uma compreensão e uma forma de lidar com o mundo que já lhe foi apresentada. Por exemplo, quem lhe colocou no mundo é quem primeiro determina o seu nome, e quando isto é estipulado pelo mundo incluindo os outros entes, a facticidade está predominando. O nome que lhe foi atribuído será compreendido, e houve também uma disposição do ser-aí para que este nome lhe fosse dado. Desta mesma forma, as experiências mundanas de poder-ser, de ser-em-virtude-de e outras formas de ser lhe serão apresentadas pelo mundo fáctico. Para CASANOVA (2006) De início e na maioria das vezes, o ser-aí é tomado por seu mundo.”

Quando falo de disposição do ser-aí quando está lançado no mundo, me refiro a um aspecto ôntico do homem.

“O Dasein se abre ao mundo por meio da disposição, ou seja, da forma que é onticamente conhecida como o humor, os estados de humor. A disposição é o estado em que nos encontramos, é o modo de ser-em com que nos

sentimos, com que nos dispomos ao mundo.”

SODELLI, (2009)

Ou seja, quando estamos lançados no mundo fáctico, absorvemos o que nos é apresentado por intermédio do seu humor naquele dado momento, e disso temos uma disposição afetiva, emocionada para encarmos o mundo.

Outro conceito fundamental de Heidegger é a de temporalidade do ser-aí. Que é o movimento extático, isto é, o Dasein só retroverte (passado) advindo (futuro) a si, e porque retroverte ao advir é que gera o presente (NUNES, 2002). Dessa forma compreendemos o passado como um poder- ser que lhe foi possível, o futuro como uma antecipação e o presente como conjunto de passado e futuro sendo então o momento de decisão presente. Desta forma o Dasein se encontra temporalizado unindo em si, presente o seu nascimento no passado e sua morte como futuro.

Terceiro capítulo.

3. Discussão.

Faremos agora uma breve aproximação dos conceitos Heideggerianos previamente explicados com o fenômeno do fanatismo.

Para compreendermos o fanatismo por meio da fenomenologia podemos partir da ideia de que independente da forma do fanatismo (religioso, político, esportivo, etc...) essencialmente este se desdobra na mesma direção; que o Dasein que experimenta o mundo via fanatismo, de alguma forma teve que lidar com a questão de ser livre, e que se decidiu através de um estreitamento existencial. Esse ser-no-mundo abdicou de seu ser-aí livre, seu poder-ser também passou a ser limitado a partir de uma doutrina que surgiu no mundo fáctico e fechou-lhe inúmeras possibilidades. O fanático religioso católico, por exemplo, segue os dez mandamentos, um destes mandamentos diz: “não matarás”, matar é uma possibilidade existencial, o Dasein quando está lançado no mundo tem esta possibilidade, claro que o seu mundo fáctico o lançará para algumas possibilidades mais específicas, mas todas as experiências mundanas são possibilidades. E a partir do momento em que a vida do Dasein passa a ser regida a partir de uma doutrina, ou neste caso mais específico, dos dez mandamentos, suas possibilidades se restringem mais drasticamente. Neste sentido nos diz CASANOVA

“O ser-aí não é um ser-no-mundo porque se encontra primariamente disposto como sujeito em uma ligação teórica com o mundo. Ao contrário, ele é

essencialmente um ser-no-mundo porque sua existência o lança de imediato para o interior do descerramento de mundo como horizonte limitador de suas possibilidades ontológicas. Toda concretização de si mesmo como poder-ser nasce, assim, em sintonia com o limite que o mundo é.” (CASANOVA 2006, pag. 23)

Como apontado no capítulo anterior, a impessoalidade é uma condição ontológica do Dasein, na experiência de um fanático podemos dizer que a impessoalidade é extremada, num sentido que o seu sentido de vida, suas experiências são todas determinadas pela sua “doutrina” a ser seguida, muito bem explicitada. Quando nascemos, já somos lançados em uma vida que inicialmente é absolutamente impessoal, e isso nos faz sentirmos confortáveis em relação as nossas escolhas, por que na realidade estas escolhas não são pessoais. Para CASANOVA:

“de início e na maioria das vezes, o ser-aí encontra-se decaído no mundo sob domínio do impessoal, do falatório como repetição incessante do discurso já expresso do mundo, não possuindo nenhuma relação própria com o seu caráter de poder. Dentro de um coletivo que tem a mesma crença, ou pelo menos acredita ter, seus sentidos, angústias, sentimentos, são reduzidos pela obrigatoriedade de seguir aquela vida pré determinada. O grupo passa a este Dasein uma sensação de segurança, independente da crença

específica, o próprio sentimento de pertencimento lhe é acolhedor.” CASANOVA, (2009, P.105)

Dentro de um coletivo que tem a mesma crença, ou pelo menos acredita ter, seus sentidos, angústias, sentimentos, são reduzidos pela obrigatoriedade de seguir aquela vida pré determinada. O grupo passa a este Dasein uma sensação de segurança, independente da crença específica, o próprio sentimento de pertencimento lhe é acolhedor.

A fuga da angústia também pode ser compreendida como um fator fundamental para a experiência de um ser-aí que se torna fanático. A angústia é um sentimento indesejado para a maior parte dos seres-aí, e a sua extinção é o ideal para grande parte deles. A experiência de um ser fanático, consiste também em perder suas angústias; Suas possibilidades são determinadas e ele sabe exatamente o que deve fazer, seguir, sem questionamentos e indagações internas. O mundo fáctico lhe impõe a forma com que deve agir e ele apenas age de forma correta, reproduz aquilo que lhe foi imposto, a angústia de refletir sobre se está fazendo o seu melhor, se está sendo a sua maior potencialidade de ser, não existe.

O fanatismo é uma possibilidade existencial que cabe à todos os seres-aí, mas lembramos que ele é um estado, uma experiência mundana que pode ser deixada de viver a qualquer momento. E dentro do fanatismo existem níveis perceptíveis, que diferenciam como este fenômeno interfere na vida de cada um.

Nos indagamos se o fanatismo não poderia ser caracterizado como o extremo da impessoalidade, já que a sua crença ultrapassa seus sentidos próprios, os anulando, deixando para trás seu próprio ser, para ser em pró do coletivo, do grupo

e da crença. A angústia neste caso é praticamente extinta, já que dificilmente o fanático terá, ao menos, uma breve reflexão sobre outras possibilidades existenciais que não essa que vive e está totalmente introduzido. Assim, seguindo o pensamento fenomenológico, quando o Dasein se distancia da possibilidade de se angustiar, ele também se distancia da possibilidade de ser mais próprio. Daí poderíamos pensar que a experiência de ser fanático traz ao Dasein um desdobramento existencial de impropriedade.

Quarto capítulo.

4. Reflexões finais.

No início deste trabalho tínhamos a intenção de compreender as condições ontológicas que possibilitam o ser ôntico de ser fanático. Exploramos o campo do fanatismo, como este se dava no passado e como se encontra no mundo contemporâneo, e encontramos inúmeras explicações para este fenômeno, mas nenhuma que respondia a nossa questão inicial.

Encontramos na fenomenologia conceitos que nos davam embasamento para discorrer sobre o fanatismo, mas foram idéias, reflexões que tivemos ao longo do processo que ajudaram a constituir este trabalho.

Compreendemos ao final desta trajetória que algumas de nossas hipóteses iniciais faziam sentido. Como por exemplo, continuamos acreditando que o fanático, independente de qual seja ele (religioso, esportivo, político), o ser-aí sempre estará vinculado a uma série de outros sentidos, além de sua doutrina, que o faz ser fanático. Por eles a impessoalidade é vivida ao extremo, de forma com eles percam, pelo menos temporariamente, seu leque de possibilidades existenciais. Com este sentimento de não ter que escolher seu poder-ser o ser-aí também elimina a angústia de sua vida. Ele não precisa pensar se vive a sua potencialidade de ser além de tudo, já que ele vive conforme algo que já é determinado.

Com todas essas reflexões aproveito agora também para lançar algumas outras questões que surgiram ao longo do trabalho e que valem como futuras reflexões. Como que o ser fanático pode voltar a viver seu leque de possibilidades existenciais? Será que a impessoalidade e o fanatismo conseguem ser vividos por

alguém integralmente até o final de sua vida? Também questionamos se no mundo contemporâneo, em que a sociedade passa por um momento onde os indivíduos sofrem muito de depressão, e existem uma grande ascensão de religiões consideradas radicais, se este fanatismo de certa forma não convém ao ser-aí como uma forma de cura de crises existenciais que são intoleradas nos dias de hoje?

Referências

PINSKY, Jaime 1939- Faces do fanatismo / orgs. Jaime Pinsky, Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo. Contexto, 2004.

HOFFER, Eric (1898-1983) Fanatismo e movimentos de massa / Eric Hoffer ; trad. Sylvia Jatoba. Rio de Janeiro. Lidador, 1968.

HEIDEGGER, Martin (1889-1976.) Carta sobre o humanismo / Martin Heidegger ; trad. Rubens Eduardo Frias. 1991

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa / Daniel Augusto Moreira. 2004

Dicionário Houaiss

CASANOVA, Marco Antônio - Nada a caminho. - Forense universitária - 2006

CASANOVA, Marco Antonio - Compreender Heidegger- Editora Vozes - 2009

NUNES, Benedito – Ser e tempo - Jorge Zahar - 2004

SODELLI, Marcelo - Aproximando os sentidos: formação de professores, educação,

drogas e ações redutoras de vulnerabilidade. - 2006

ROCHA, Everardo P. Guimaraes – O que é etnocentrismo. – Editora Brasiliense - 1988

www.scielo.br - Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista/ Mauro Martins AmatuZZi, 2009

<http://www.logoforo.com/el-sentido-del-trabajo/>

<http://www.comunidadesenhordavida.org.br/formacaoTexto.asp?IDArea=43&IDTexto=149>